



Um estágio no Brasil

Na Alemanha é comum fazer um estágio de três semanas na nona série. No Brasil, não. Mas isso só descobri mais tarde...

por Sophia Nobiling Urbanz

Como aluna alemã e filha de brasileira, decidi fazer meu estágio em uma clínica veterinária na cidade de Angatuba (que, por sinal, significa em língua tupi "abundância de espíritos" ou "mansão das almas"). Queria aproveitar a oportunidade também para visitar minha avó e melhorar meu português.

Apesar de estar feliz com a chance que tive, havia um grande problema: eu não gosto de ver sangue. Sinto nojo. Ainda assim, amei fazer meu estágio porque aprendi muitas coisas novas. Percebi também que os jovens no Brasil não têm essa oportunidade na nona série. Uma pena!

Eu ajudei a segurar cães e gatos enquanto eles estavam sendo examinados. Em algumas cesarianas, pude aquecer e limpar os filhotes. Fiz fichas dos pacientes bem como limpei instrumentos e a mesa de cirurgia. E meu nojo de sangue? Diminuiu muito.



INTERCÂMBIO

Uma boa experiência para a vida escolar...

Eu estou fazendo um intercâmbio de seis meses em uma escola particular aqui no Brasil e quero contar a vocês o que estou achando dessa experiência. Para escrever este artigo, ainda entrevistei Maria Clara, uma nova amiga que é aluna do primeiro ano do Ensino Médio.

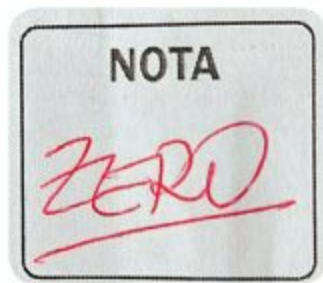
por Helena Maciel Gauger

O colégio em que eu estou estudando é muito bem visto na cidade de Indaiatuba, onde moro atualmente, no interior de São Paulo. Também estou gostando muito dos meus professores aqui. No Brasil, a relação do aluno com o professor é diferente do que na Alemanha. Nós conversamos com eles de uma forma mais informal.

ser saudável. Maria Clara opina de forma parecida: "Não é justo que a gente faça tantos exames e tenha que dominar tanto conteúdo." Ela afirma que a cobrança chega a ser tamanha que alguns jovens acabam ficando deprimidos.

Além disso, há entre os brasileiros uma grande demanda ligada ao vestibular. Os alunos têm que decidir muito cedo o que querem fazer profissionalmente.

Outro ponto que tenho pensado bastante é que, na escola, seguimos aprendendo coisas que nunca vamos usar na vida cotidiana (embora isso não seja só aqui no Brasil).



Pressão não é solução!

Seria preciso mudar o sistema de ensino dos tempos atuais. Conforme falou Maria Clara, o principal seria mudar a forma como as escolas avaliam os alunos.



REFLEXÃO

As notas e eu

Uma história em quadrinhos por Clarissa Riemke



ENQUETE

O que vocês querem aprender na escola?

Confira o que dizem os adolescentes da Bilingua, todos da chamada "Geração Z".

"Gostaria de ter aulas de **finanças pessoais e gestão de vida**, pois após nos mudarmos da casa dos nossos pais normalmente não sabemos o que é caro, o que é barato, ou qual é a melhor opção para compra ou aluguel." Ana Castro

"Seria legal ter aula de **psicologia e saúde mental**, para entender melhor as pessoas e a sociedade, assim como para saber interagir... Gostaria ainda de ter aula de **ioga, meditação e culinária**, por exemplo. Acho também essencial 'aprender a aprender', ou seja, saber estruturar o próprio ensino e se preparar para uma prova com **técnicas de estudo, resumo e apresentação**. Por fim, mas não menos importante, queremos dormir mais tempo! Se a escola tiver **horários mais flexíveis**, prestaremos mais atenção." Sophia Nobiling Urbanz

"Eu gostaria de aprender mais sobre **universidades no Brasil e sobre como estudar lá**." Marsal Colitt Marull

"A meu ver seria muito importante ter aulas de **finanças** para aprender a usar o nosso dinheiro corretamente, aulas em que possamos **conhecer diferentes profissões** e aulas sobre **atualidades**. Ai a gente poderia conversar sobre o que está acontecendo no mundo hoje." Helena Maciel Gauger

"Eu gostaria de aprender mais sobre **direitos humanos**." Laís Chaioko Benjamin Campos



Expediente // Este projeto da organização berlimense **Bilingua - Verein für Zwei Sprachen** envolveu alunas e alunos do grupo "Guaranás", na faixa etária dos 12 aos 17 anos. Ele foi concretizado com o apoio da Agência para Cultura e Informação Brasil-Alemanha (ACIBRA.de) e recebeu patrocínio da **Embaixada do Brasil em Berlim**. Foram impressos 250 exemplares. A distribuição é gratuita.

BRASIL IEN
BRASILIANISCHE
BOTTSCHAFT IN BERLIN

**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
DIE BRASILIANISCHE BUNDESREGIERUNG

Bicentennial
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
1822 - 2022

Vida Escolar

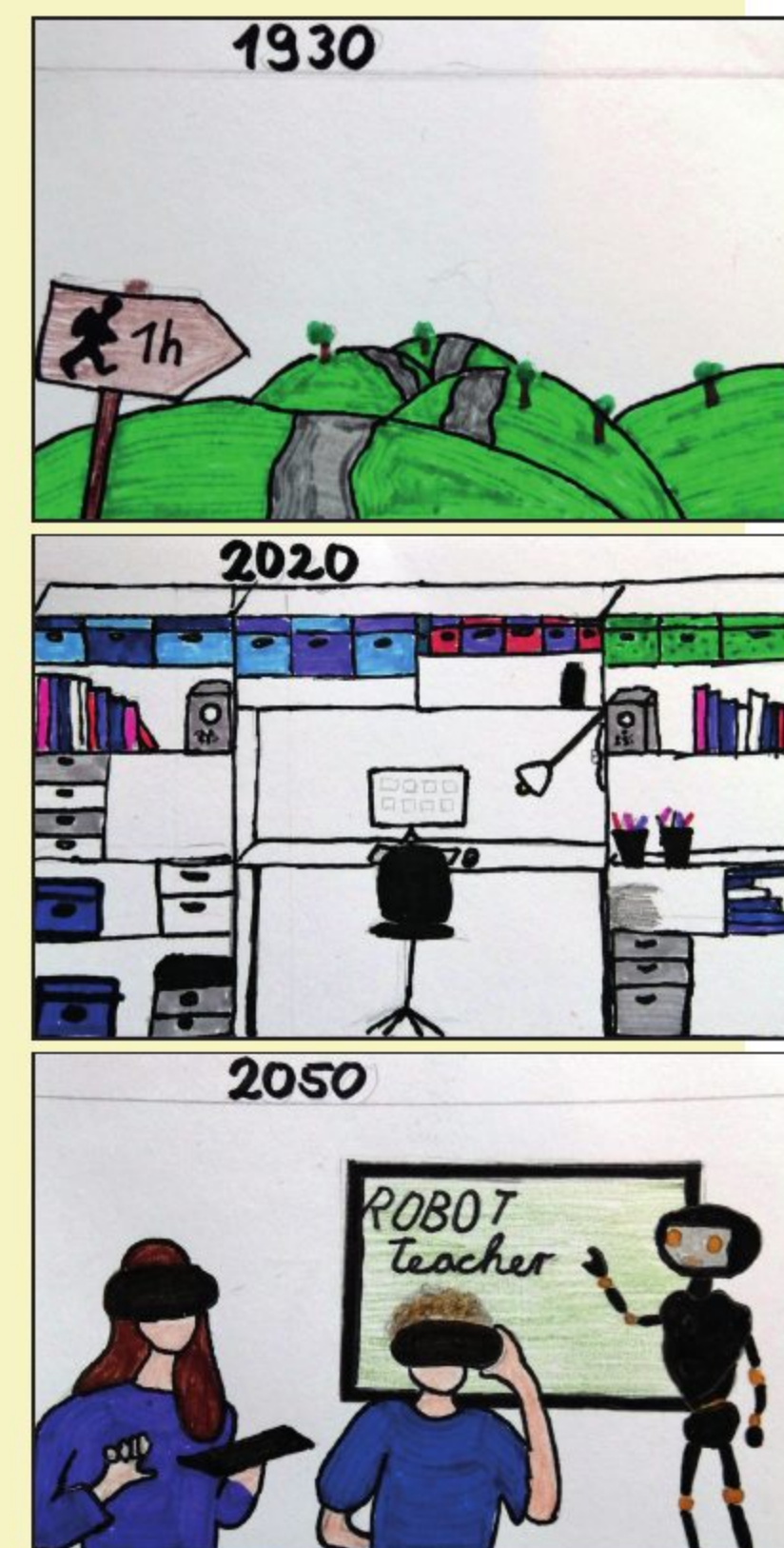
Jornalzinho da BILINGUA



Die Kleine Zeitung des Vereins Bilingua | auf brasilianischem Portugiesisch | Thema dieser Ausgabe: Schulleben | 04-2022

Na linha do tempo

Ilustrações de Amélie Poorbiazar



Precisar fazer lição de casa, em vez de curtir um dia lindo ao ar livre e brincar com os amigos? Com certeza todo mundo, quando era criança, já desejou fazer outra coisa que não fosse lição de casa! Algumas vezes, há um monte de trabalho para resolver e você passa a tarde toda nos estudos. Isso tem que mudar, especialmente porque é preciso brincar muito na infância.

Editorial // Desafios para uma educação transformadora

Nosso jornal traz um tema que foi escolhido em conjunto pelos adolescentes da Bilingua. Uma reflexão sobre a escola e seus dilemas. O que foi, o que é e o que será.

Um tema de fundamental importância para a vida desses jovens que acabam de vivenciar uma pandemia, que ainda não acabou, e que transformou o mundo, a escola e todos nós.

Será que o modelo de escola que temos no Brasil e na Alemanha estão favorecendo os protagonistas que vão estar no futuro mercado de trabalho? Onde estão os melhores resultados da educação no mundo hoje? A escola prepara pessoas para serem autônomas, críticas, observadoras e criativas? Temos professores preparados para essa nova educação? Que instrumentos estão sendo pensados ou até já utilizados pelos educadores? A escola está pronta para lidar com as diferenças?

Que bom que começamos nossa edição com tantas perguntas. Como dizia o saudo-

so pedagogo e filósofo Rubem Alves, as escolas não existem para dar respostas, mas para ensinar a perguntar.

Estamos em uma era de avanços tecnológicos que aceleram nossos estudantes cada vez mais para um aprendizado cognitivo. No entanto, eu indago aos pensadores da educação: estamos realmente preparando esses jovens para a vida?

A educação no mundo sofreu um grande impacto com a pandemia e, agora, temos uma guerra no continente europeu. No meio educacional, as distâncias sociais seguem a regra e tendem a ficar ainda maiores. Por isso se faz necessária uma grande reflexão sobre o ensino - sobretudo por aqueles que estão diretamente envolvidos nessa questão.

São as crianças e jovens que vão nos dar a direção. Mas não são eles que têm que mudar o mundo. Somos nós agora que temos essa responsabilidade em nossas mãos. **CHRISTINA LITRAN MACIEL**

Vamos deixar criança ser criança!

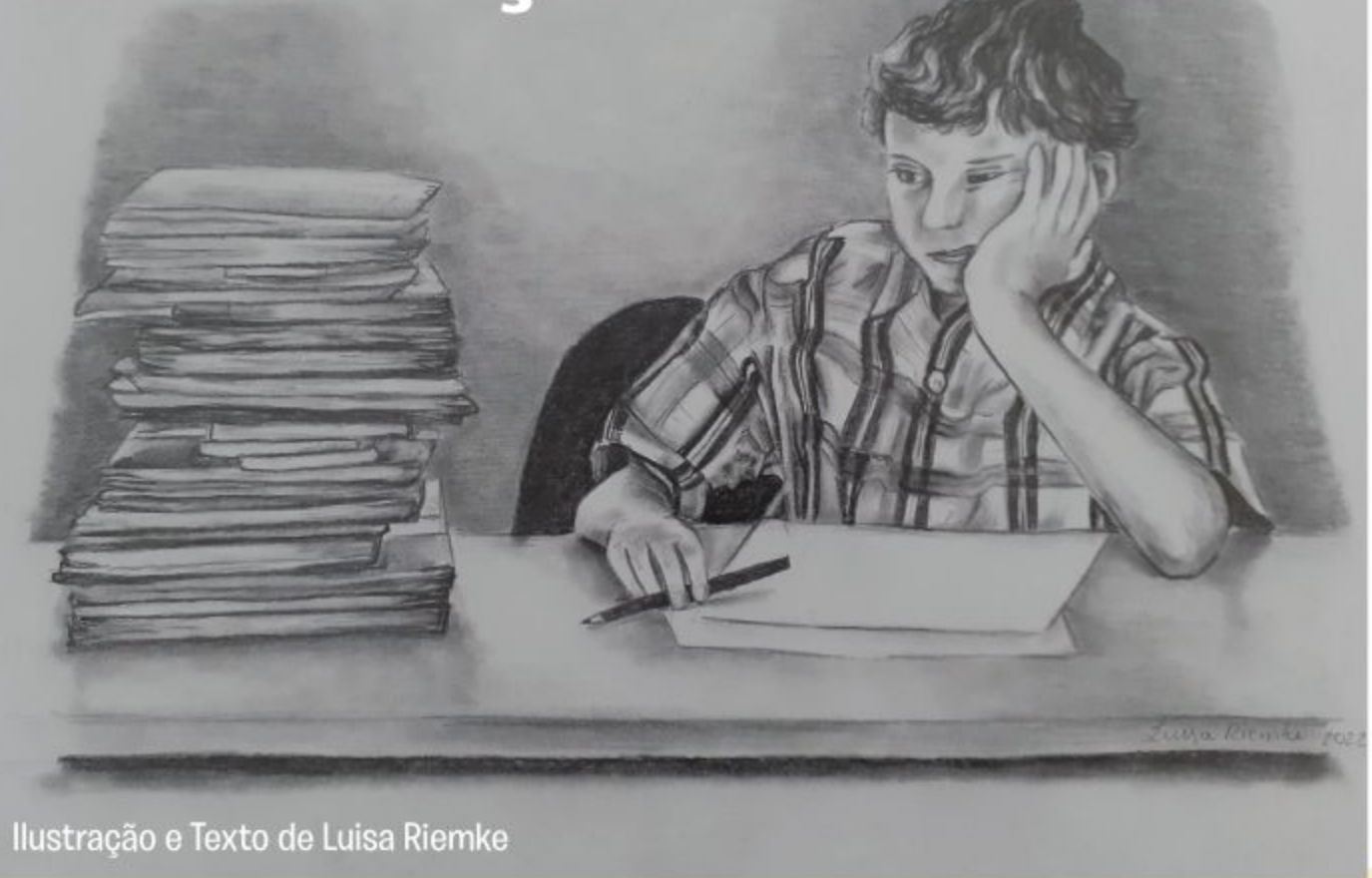
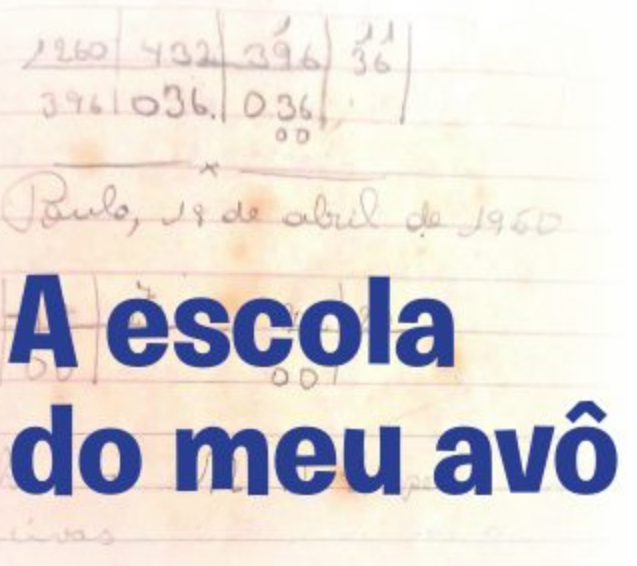


Ilustração e Texto de Luisa Riemke



A escola do meu avô

Texto de Helena Maciel Gauger

Meu avô se chama Amaury Maciel e tem 84 anos. Como tem uma memória incrível, ele me contou um pouco da sua vida escolar, que começou na década de 1940 na cidade de São Paulo.

Quando tinha por volta de 7 anos, meu avô foi para uma escola pública, que na época era mais conhecida como “grupo escolar”. “Havia o curso primário até o 4º ano”, explicou meu avô. “Depois tínhamos que fazer um teste para entrar no gínásio e, por fim, fazíamos o colegial, que era a última etapa antes da faculdade.”

Meu avô disse ainda que todas as aulas eram sempre presenciais. Não havia a tecnologia de hoje e os cadernos eram escritos manualmente.

Outra curiosidade que ele me falou foi que o colegial já formava os alunos em alguma profissão. Ele mesmo se especializou na área de Técnica em Contabilidade.

Perguntei para o meu avô, que trabalhou como professor por 30 anos, sobre a relação entre aluno e educador nas escolas. Segundo ele, os professores eram muito rígidos. Além disso, eles eram mais respeitados do que hoje. “Me lembro de alguns mestres que foram grandes exemplos para todos nós, tamanha a ética que tinham. Acabei levando isso para os meus alunos também em sala de aula.”

Meu avô admira bastante um exemplo que vem de longe. Ele terminou nossa entrevista dizendo: “No Japão, a única pessoa que não precisa se curvar diante o imperador é o professor. Isso é um grande exemplo de respeito.”

COMPARAÇÕES

Um olhar sobre o Brasil e a Alemanha

Raymond Colitt foi para a escola na Alemanha e de lá saiu com um diploma em 1985. Seus filhos, entretanto, foram alunos no Brasil. Confira a seguir o que ele acha sobre o sistema educacional dos dois países.

por Lina Colitt Marull

Por quanto tempo você estudou na Alemanha?

Até terminar o ensino médio, com 18 anos. Ou seja, doze anos.

Como foi frequentar uma escola alemã?

Eu me senti bem preparado. Ao me formar no ensino médio, fui para os Estados Unidos onde até ganhei pontos na hora de entrar na universidade. Isso porque as pessoas consideravam que a gente na Alemanha era mais apta do que muitos alunos americanos da mesma idade.

Desde então, os métodos educacionais mudaram na Alemanha?

Não tenho muita informação sobre isso, mas sei que o país passou por uma crise há cerca de dez anos, quando não se deu tão bem em um exame que comparava escolas na Europa e no mundo. Isso despertou a atenção das autoridades para alguns problemas. Acho que, de lá para cá, o cenário melhorou bastante.

Como seus filhos estudaram no Brasil, e você na Alemanha, quais são em sua opinião as maiores diferenças entre os métodos de ensino dos dois países?

Existem escolas boas e ruins em ambos os países mas, na média, acho que o ensino público alemão é melhor que o brasileiro, principalmente devido à falta de recursos nas escolas brasileiras. Há excelentes instituições particulares de ensino e somente algumas poucas escolas públicas de boa qualidade. Em geral, faltam dinheiro e talvez um pouco de consciência sobre a importância da educação. Contudo, aqui na Alemanha, também

existem aspectos negativos. A escolha de ir para a universidade ou para uma escola mais técnica, profissionalizante, é tomada muito cedo – no quinto ou sexto ano escolar. Muita gente considera isso muito cedo: nenhuma criança sabe se vai querer ir para a universidade ou não.

Como você acha que os métodos de ensino poderiam melhorar?

Sobretudo na Alemanha, mas no Brasil também, acho que a educação é muito voltada para o mercado de trabalho – apesar de haver temas mais importantes a ensinar. Se a pessoa passa doze anos na escola e não aprende nada sobre as relações humanas, sobre comunicação ou como se alimentar bem, por exemplo, ela certamente enfrentará crises. Vale lembrar que você pode passar doze anos na escola sem ter falado nenhuma vez sobre nada disso! Então, acho que as escolas poderiam ensinar mais coisas do dia a dia e abordar com mais frequência questões básicas da vida.

Por fim, como você prevê o ensino no futuro? Algo vai mudar?

É óbvio que o “online” vai ganhar cada vez mais espaço. Espero que a qualidade não sofra com isso, afinal, ser digital não é sinônimo de ser bom. É preciso haver um critério rigoroso para identificar o que é bom e o que não é. Suponho ainda que, em um mundo que avança tão rapidamente, o ensino se torne cada vez mais especializado. Para mim, as aulas devem ser muito mais interativas, demandando a participação dos alunos, fazendo-os não só memorizar datas e fatos, mas também pensar e desenvolver um olhar crítico sobre o mundo e a sociedade.

O que é o estudo PISA e o que ele avalia?

por Ana Castro

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, mais conhecido como estudo PISA, é uma prova realizada a cada três anos com estudantes de 15 anos. Ela é aplicada via computador pela OCDE, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Enquanto a primeira avaliação, no ano de 2000, contou com a participação de 32 países, a última foi aplicada em 2018 e abrangeu 79 nações.

A prova é dividida em três partes: leitura, matemática e ciências. Em leitura são avaliadas a compreensão de conceitos-chave de texto e a capacidade de usar essas informações em suas vidas. Em matemática, examina-se a capacidade de formular, usar e interpretar números e fórmulas no cotidiano. Já na parte científica é avaliada a competência para entender fenômenos e interpretar evidências cientificamente, tirando conclusões delas.

Como o estudo é comparado?

Considerando o grande número de países participantes, o estudo PISA leva em conta a proximidade regional e cultural bem como outras semelhanças e referências para realizar suas comparações.

Desde 2009, a prova compara os resultados do Brasil com todos os países da América Latina, com Espanha e Portugal, com os Estados Unidos e o Canadá (devido à extensão territorial parecida), bem como com a Coreia do Sul e a Finlândia (países que geralmente apresentam alto desempenho).

Números de 2000 e 2018

O Brasil foi o único representante da América do Sul a participar do primeiro exame, ainda no ano de 2000, e ficou em último nas três matérias. Em 2018, o país ficou novamente abaixo da média. Entre as 79 nações participantes, seu lugar no ranking em leitura atingiu do 58º ao 60º lugar, em ciências do 66º ao 68º e, em matemática, do 72º ao 74º. A título de curiosidade, a Alemanha ficou em 21º lugar em leitura, 16º em ciências e 20º em matemática.

Diferenças entre CHINA e FINLÂNDIA

Tanto na primeira quanto na última edição do PISA, a Finlândia teve resultados muito bons. A China não participou do estudo em 2000 mas, em 2018, ficou em 1º lugar nas três provas.

Será que a metodologia escolar influencia a capacidade dos estudantes e, consequentemente, seu desempenho nas avaliações? Vamos comparar a seguir ambos os países.

SISTEMA EDUCACIONAL CHINÊS

Na China, a taxa de alfabetização gira em torno de 94%. A escola, que ao todo leva 12 anos, é obrigatória e gratuita para cidadãos chineses dos 6 aos 15 anos. Os professores são muito valorizados e contam com alunos dedicados

Um estudo de Sue Sharpe (autora, entre outros, de “Just Like A Girl”, 1976) indica uma nova mentalidade entre as jovens mulheres. Enquanto as alunas dos anos 1970 preferiam o casamento e a vida tradicional, as da década de 1990 tinham como prioridade obter uma boa educação e fazer carreira.

Vários estudos apontam ainda as diferenças no que diz respeito a desempenhos e resultados escolares. O fato de as meninas amadurecerem mais cedo pode beneficiar sua educação. Por outro lado, faz com que elas fiquem mais propensas a avaliar consequências e a subestimar suas habilidades. Já os meninos tendem a justificar performances fracas e notas ruins com fatores externos.

Será que a metodologia escolar influencia a capacidade dos estudantes?



dentro e fora das salas de aulas. Marcado por memorização e repetições, o sistema educacional é bem rígido: os alunos têm aulas cinco ou seis dias por semana, das 7 horas da manhã até as 16 horas (ou mais tarde). Aos sábados, muitas escolas dão aulas obrigatórias de ciências e matemática pela manhã. Além disso, as instituições de ensino oferecem aulas adicionais e também particulares. Os alunos têm aulas de chinês, matemática, ciências, inglês, história, literatura, música, arte e educação física. As férias de verão duram somente um mês.

SISTEMA EDUCACIONAL FINLÂNDÊS

Na Finlândia, as crianças começam a frequentar a escola aos sete anos. O ensino é totalmente gratuito e não existem listas que classificam ou hierarquizam as instituições de ensino. Além disso, trata-se do país onde as crianças passam menos tempo na escola. Isso não impede, porém, que a Finlândia tenha a maior taxa de alfabetização do mundo. Como o país valoriza a individualidade de cada estudante, os professores buscam dar aulas diferenciadas, com pelo menos cinco níveis de tarefas simultâneas em uma mesma classe. Eles também devem avaliar os desempenhos sob métodos variados. Além de dar pouca lição de casa para os alunos, a Finlândia enfatiza uma educação na qual crianças e adolescentes possam crescer como seres humanos. Assim, são desenvolvidas habilidades como empreendedorismo, participação, envolvimento e criação de um futuro sustentável. Outro ponto é a tecnologia, que apoia o aprendizado através de uma abordagem dinâmica e voltada para a prática.

Comparação geral

Dois tipos tão diferentes de metodologias educacionais e um mesmo resultado excelente: ao compararmos China e Finlândia, vemos que um esquema rígido não é sempre necessário e que escolas podem com sucesso diferenciar suas abordagens para que todos possam aprender em seu próprio ritmo e forma.

Um estudo realizado pelos sociólogos Eirene Mitsos e Ken Browne revelou que, em geral, as meninas em idade pré-escolar passam mais tempo aprendendo a ler do que os meninos. Isso faz com que eles possam ter menos habilidades e mais dificuldades de alfabetização, o que afeta seu desempenho ao longo da vida.

Em conclusão, é possível dizer que as ambições e os valores das mulheres mudaram nos últimos anos, de modo a melhorar tanto seu nível educacional quanto sua performance em provas. Embora existam outros fatores que contribuem para as diferenças entre ambos os gêneros, os mencionados neste artigo esclarecem em parte como a sociedade evoluiu.



ANÁLISE

Por que o Brasil se mantém em um nível medíocre de educação?

Comparado com diversos países do mundo, o sistema público de ensino no Brasil nunca foi exemplar. Ainda que, nos últimos 20 anos, o país tenha subido no ranking do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), ele tem sido incapaz de garantir uma qualidade satisfatória em suas escolas.

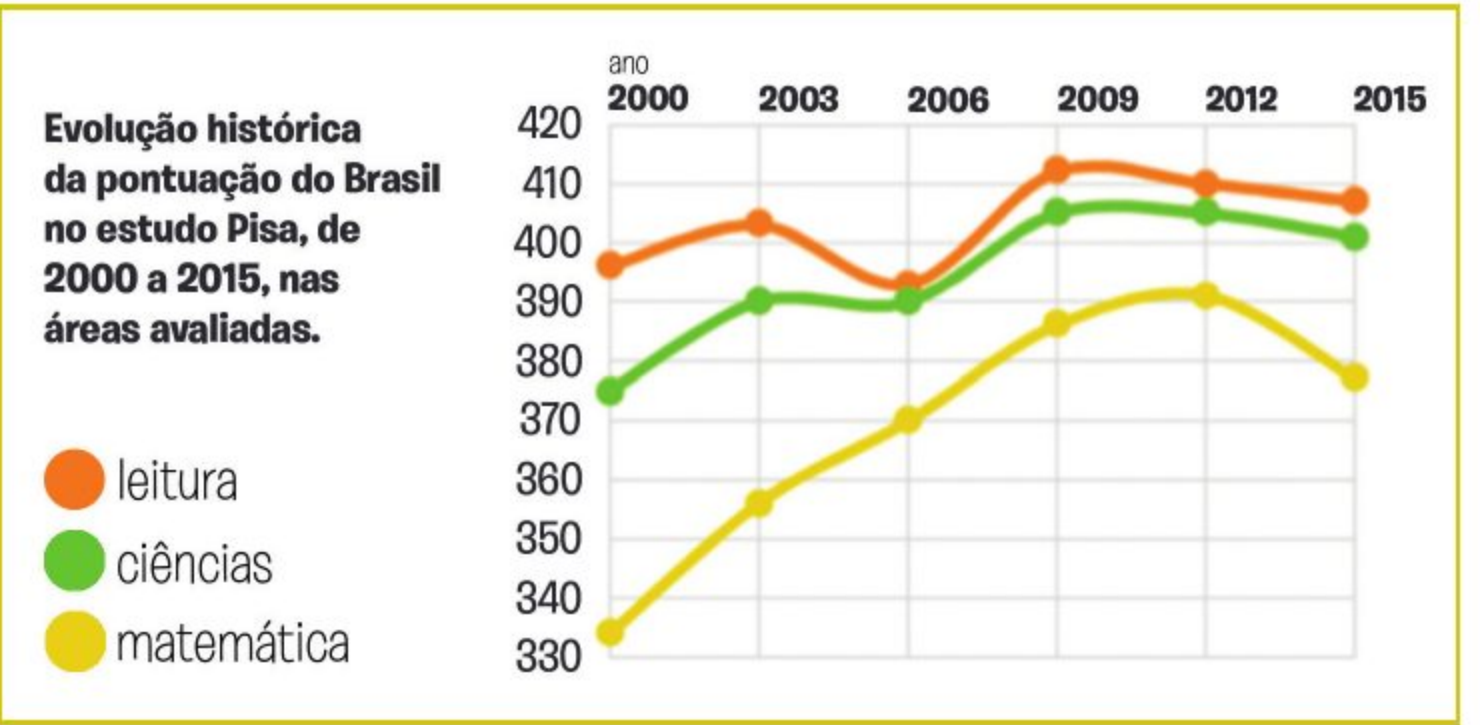
por Marsal Colitt Marull

Para responder à pergunta do título e ganhar uma melhor perspectiva sobre o assunto, entrevistei um ex-professor meu de língua portuguesa. Antônio Lopes não só foi um dos melhores professores que eu já tive, como também um dos mais inspiradores e dedicados. As palavras para descrever sua personalidade me faltam. Apesar de sua experiência tanto no setor público de ensino, quanto no privado, o professor Antônio está fora da sala de aula desde a segunda metade de 2019. Atualmente ele é motorista da companhia Uber, atividade por meio da qual criou um projeto chamado “Conversas com o Motorista”, disponível no YouTube. Devido à atual situação educacional no Brasil, que vai muito além da pandemia, o professor Antônio disse que não pretende voltar a dar aulas, mesmo amando esse trabalho.

De acordo com ele, a crise sanitária ressaltou problemas já existentes no sistema de ensino, por exemplo, a diferença entre os alunos do setor público e do setor privado. Enquanto a maioria das escolas particulares adotou um esquema online de aulas, através de celular ou computador, o cenário das instituições públicas de ensino foi bem distinto. Muitos dos alunos de escolas estatais não têm um celular ou um computador, e os que têm raramente desfrutam de uma boa conexão à internet.

É importante compreender que a educação de uma criança ou adolescente abrange mais fatores do que apenas a infraestrutura da escola frequentada. Como relata o professor Antônio, uma boa educação hoje deve garantir o acesso à tecnologia bem como à informação. O Brasil, porém, está longe de poder oferecer internet ilimitada a todos os estudantes da rede pública.

Outro aspecto a ser considerado é a própria qualidade do ensino. Sabe-se que o investimento na educação brasileira sempre foi um pouco escasso. Mais importante talvez seja, contudo, analisar a diferença entre o orçamento previsto e o orçamento executado – como



FONTE: CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL / PISA 2018

Orçamento do MEC em R\$ bilhões	ANO	PREVISÃO¹	EXECUTADO²
	2015*	174,40	114,90
1. Recursos previstos para a educação pública no orçamento da União	2016*	158,20	129,90
	2017	140,84	126,22
2. Valores executados	2018	139,91	120,22
	2019	149,74	119,77
** Projeção da Lei Orçamentária (LOA) enviada ao Congresso Nacional. Valores destinados ao MEC e unidades orçamentárias vinculadas (como institutos federais, universidades, Inep e Capes)	2020	142,11	114,25
	2021	145,70	90,29
	2022	134,6**	-

FONTES: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL, PORTAL DA TRANSPARÊNCIA

ilustra o segundo infográfico desta página. Essa diferença acaba gerando falta de materiais e uma manutenção falha nas escolas. No entanto, ao contrário do que muitos pensam, isso não leva os professores a perder sua motivação e dedicação. Segundo Antônio Lopes, a maior parte de seus colegas da rede pública é composta por professores que, apesar de enfrentar diversas dificuldades, aparecem na sala de aula com um sorriso e sobretudo um entusiasmo imenso. “Eles merecem um salário muito mais alto do que recebem atualmente.”

Porém, como relata o professor Antônio, qualquer aumento no orçamento do Ministério

da Educação (MEC) seria em vão sem alguém para gerenciá-lo de forma responsável no governo. “Até que essa questão seja consertada, será muito difícil, ou mesmo impossível, melhorar a qualidade do ensino no Brasil.”

Diante de uma nova gestão bem como de uma melhora no sistema, Antônio Lopes admite que voltaria, sim, à profissão que tanto ama para “continuar inspirando alunos a refletir sobre os temas mais diversos”.

No final das contas, essa deveria ser a realidade de todos os estudantes do Brasil.

